

DIFUSÃO ESPACIAL DA INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA: AS INTERAÇÕES ESPACIAIS DAS CORPORAÇÕES POLICARD E VALECARD

FERNANDO FERNANDES DE OLIVEIRA

Instituto Federal Goiano | Brasil

ffernandes_10@hotmail.com

GEISA DAISE GUMIERO CLEPS

Universidade Federal de Uberlândia | Brasil

gdgumiero@ras.ufu.br

PALAVRAS-CHAVE:

Corporação
Interações espaciais
Policard
Valecard

RESUMO:

O presente texto analisa a dimensão espacial reticular de duas operadoras de cartões eletrônicos de pagamento - Policard e Valecard, cujos capitais são sediados em Uberlândia-MG. Para tanto, buscou-se, sob a ótica das interações espaciais como componente inerente à dinâmica do capital, o resgate do espaço de atuação das mencionadas corporações, destacando a difusão espacial das suas práticas de reprodução e acumulação de capitais e as interações resultantes.

SPATIAL DIFFUSION OF FINANCIAL INTERMEDIATION: THE SPATIAL INTERACTIONS OF POLICARD AND VALECARD CORPORATIONS

ABSTRACT:

This paper analyzes the reticular spatial dimension of two operators of electronic payment cards - Policard and Valecard, who funds are based in Uberlândia-MG. Therefore, we ought, from the perspective of spatial interactions as a component of the capital dynamics, the rescue of the works pace of the mentioned corporations, highlighting the spatial diffusion of the inbreeding practices and capital accumulation and the resulting interactions.

Keywords: Corporate, spatial interactions, Policard, Valecard.

KEYWORDS:

Corporate
Spatial interactions
Policard
Valecard

DIFUSIÓN ESPACIAL DE LA INTERMEDIACIÓN FINANCIERA: LAS INTERACCIONES ESPACIALES DE POLICARD Y VALECARD

PALABRAS CLAVE:

Corporativos
Interacciones espaciales
Policard
Valecard

RESUMEN:

Este texto analiza la dimensión espacial reticular de dos operadoras de tarjetas de pago electrónico - Policard e Valecard, cuyos fondos se basan em Uberlândia-MG. Por lo tanto, se buscó, sob la perspectiva de las interacciones espaciales como componente inherente a la dinámica del capital, El rescate del espacio de actuación enumeradas corporaciones, destacando la difusión espacial de sus prácticas reproducción y acumulación del capital y las interacciones resultantes.

INTRODUÇÃO

A partir da articulação de múltiplas localizações, a corporação multifuncional e multilocalizada constitui agente fundamental à gestão do território, desempenhando poderoso e decisivo controle sobre a dinâmica da organização espacial. Daí derivam as exigências de que o espaço seja dotado de uma nova funcionalidade e operacionalidade, sobretudo, a partir dos investimentos em transporte, geração e transmissão de energia e nas telecomunicações (SILVA, 2003), de modo a viabilizar a implantação das redes promotoras das interações espaciais e, conseqüentemente, a função necessária aos caminhos da acumulação ampliada do capital. A natureza peculiar da trama espacial de corporações multilocalizadas e a constante necessidade de integração espacial de suas áreas de atuação podem ser compreendidas como o esforço que busca alcançar o máximo proveito do espaço e das estruturas técnicas disponibilizadas.

Com a expansão dos horizontes de atuação de corporações multilocalizadas, é possível compreender a configuração de suas *verticalidades* (SANTOS, 2012), marcadas por solidariedades que atuam sobre espaços descontínuos com pontos espacialmente separados, porém interligados e regulados por racionalidades superiores e distantes do lugar onde o comando se faz sentir. Ante a afirmação das verticalidades de corporações que transmitem ações sobre espaços distantes do foco da gestão de seu território, as *interações espaciais* (CORRÊA, 1997) surgem como recorte de interpretação precioso para a análise das espacialidades das empresas multilocalizadas. Logo, as interações espaciais destacam-se como processo inerente e indispensável aos caminhos de reprodução e acumulação de capitais da corporação em suas várias localizações, na medida em que “[...] rompem-se as amarras de horizontes espaciais limitados e fortemente fechados, submetidos a uma economia preponderantemente autárquica” (CORRÊA, 1997, p. 282).

No contexto da abordagem geográfica acerca da multilocalização de empresas, é que se estabelece a problemática de investigação do presente texto: o resgate da dimensão das interações espaciais promovidas pelas corporações Policard e Valecard, duas administradoras de meios eletrônicos de pagamento oriundas do capital local, sediado em Uberlândia-MG. A partir do estabelecimento de proeminentes interações espaciais, que possuem por base a trama reticular edificada por um meio técnico-científico informacional (SANTOS, 2012)¹, as mencionadas corporações financeiras forjam uma dinâmica capaz de articular filiais regionais, estabelecimentos credenciados, empresas conveniadas e usuários dos cartões eletrônicos à gestão espacial de acumulação de capitais.

INTERAÇÕES ESPACIAIS E CORPORAÇÃO MULTILocalIZADA

Perante a análise da trama espacial das corporações multilocalizadas, observa-se a emergência, oriunda da interconexão entre suas inúmeras localizações, de proeminentes interações espaciais (CORRÊA, 1997). Admitidas como um processo indissociável da existência, perpetuação e reprodução do modo de produção capitalista, as interações espaciais afloram como recorte de interpretação imprescindível à análise do estabelecimento

¹ Para Santos (2012), o meio técnico-científico informacional afirma-se nos anos 1970, marcado pela intensa articulação entre ciência e técnica, que se unem sob as solicitações do mercado.

das espacialidades de uma corporação multilocalizada, ator demandante de instantaneidade, simultaneidade e do investimento, no espaço, de estruturas técnicas que possibilitem a fluidez, a rápida circulação das informações, do capital e que admitam o complexo conjunto dos deslocamentos que caracterizam as interações sobre o espaço geográfico.

“[...] as interações espaciais devem ser vistas com parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço”, estando ancoradas na sociedade e no seu movimento de transformação (CORRÊA, 1997, p. 280).

No conjunto das interações espaciais como fator diferenciador entre os lugares e como processo inerente ao movimento de transformação das sociedades, Corrêa (1997) destaca, no capitalismo, a importância dos impactos gerados pela Revolução Industrial ante a modificação e a ampliação dessas interações, que ganharam densidade pela gama de informações, recursos e mercadorias em circulação, assim como pelos meios, pela velocidade e pelo poderio das novas e complexas redes geográficas, com sua crescente trama de nós e vias, que passaram a possibilitar toda uma ordem de fluxos. A evolução tecnológica empreendida pelo modo de produção capitalista e pela demanda de fluidez das grandes corporações mediante a multilocalização dos seus mercados e processos produtivos constitui fator determinante para a aceleração do ciclo de produção do capital e das empresas.

Na constituição desse espaço de fluxos, orientado pela difusão espacial do capital produtivo e financeiro, observa-se a distribuição espacial de uma série de unidades localizadas em vários lugares, em que a produção e a circulação de mercadorias, de serviços e de capital compõem um processo de acumulação de capitais multilocal, que passou a ser realizado entre essas unidades produtivas ao controle da sede social da corporação multilocalizada. Sobretudo, destacam-se o peso e a relevância da análise que considera as interações espaciais sob a lógica das ações empreendidas por corporações financeiras, que, desde o seu estabelecimento, constituem os atores mais demandantes de fluidez e de instantaneidade ante a iminente ampliação locacional das suas atividades.

Nessa condição, a reprodução de capitais implica a constituição de “[...] múltiplas localizações e suas necessárias articulações, em virtude dos processos produtivos e do consumo apresentarem ampla escala, envolvendo diferentes lugares” (CORRÊA, 1997, p. 285). Nota-se, portanto, a complexidade das estruturas, dos fluxos e dos processos de concentração e centralização do capital, que, na atualidade abarcam múltiplas espacialidades, “[...] potencializadas com a constituição de poderosas corporações multifuncionais e multilocalizadas, envolvendo ampla gama de produtos e serviços e inúmeras localizações” (CORRÊA, 1997, p. 286).

Após impetrar suas demandas para vários centros interconectados via redes técnicas, a cidade sede de uma corporação multilocalizada, desponta na condição de centro de gestão do território, ao articular uma série de lugares ao ciclo de acumulação de capitais da empresa espacialmente difundida. Nessa ótica, observa-se a constituição de centros de produção agrícola e industrial, de beneficiamento e de comercialização, uma hierarquia espacial estabelecida pelas necessidades produtivas da corporação que imprime, aos lugares, o estabelecimento de especializações funcionais diferenciadas associadas à sua demanda particularista. No que tange ao conjunto de práticas de reprodução de capitais impetrado por corporações financeiras, que não necessariamente envolvem a alteração industrial de

produtos primários, a difusão de agências e escritórios regionais visa buscar associações financeiras em mercados proeminentes e a melhor adequação de suas estratégias sobre os diferentes contextos regionais verificados ante a diversidade espacial.

No domínio da presente pesquisa, atesta-se a importância das interações espaciais à consolidação das espacialidades das empresas Policard e Valecard, verificadas pelas associações estabelecidas com empresas parceiras e com fixos comerciais, dos fluxos financeiros, dos cartões eletrônicos de pagamento, de materiais publicitários e do comando ordenado pelas mencionadas corporações em direção a lugares distantes. Tal processo mantém os fluxos concentrados em Uberlândia, a cidade sede do ordenamento de seus espaços de atuação, cujo comando fixado a partir deste centro urbano gera uma notável “[...] articulação entre áreas e cidades através de uma rede urbana cada vez mais importante e fortemente articulada” (CORRÊA, 2006, p. 282), uma ordem asseverada pelo imperativo da reprodução e da acumulação de capitais.

À dinâmica das interações espaciais e ao estabelecimento de áreas especializadas, inerentes à dimensão espacial do processo de gestão territorial da corporação multilocalizada, somam-se as práticas espaciais identificadas por Corrêa (1992), ao abordar a gênese e a dinâmica espacial do Grupo Souza Cruz, a saber: seletividade espacial, onde a corporação elege seus lugares de atuação; fragmentação/remembramento espacial, que representa a divisão do espaço de atuação por unidades de uma corporação; antecipação espacial, indicando a localização de uma unidade num espaço que ainda não detém fatores locais satisfatórios; marginalização espacial, que se refere à exclusão de um lugar em sua rede por novas conjunturas desfavoráveis e reprodução da região produtora, que denota a influência exercida pela corporação sobre o espaço, ao fomentar especializações produtivas ligadas à sua cadeia de produção.

Trata-se, portanto, de um ininterrupto artifício de seleção, marginalização, requalificação e hierarquização dos espaços empreendidos pelas demandas de uma corporação multilocalizada, que conduzem a frequentes desvalorizações e revalorizações dos lugares, com marcante impacto sobre “[...] a equação do emprego, a estrutura do consumo consumptivo e do consumo produtivo, o uso das infraestruturas materiais e sociais [...]” (SANTOS e SILVEIRA, 2011, p. 293). Tais processos são demasiadamente onerosos aos cofres públicos, ante a demanda por infraestruturas necessárias ao estabelecimento das empresas em dado local, relação privativa que caracteriza a composição dos espaços corporativos². Para Santos e Silveira (2011, p. 289), “[...] trata-se de caracterizar uma situação na qual, em cada área, os objetos tendem a exercer certas funções e os respectivos processos são, em grande parte, submetidos ao papel regulador de instituições e empresas”.

Desse ponto e para a plena difusão das interações espaciais erigidas pela corporação multilocalizada, advém a necessidade da construção dos elementos fixos que estejam disponibilizados nos lugares de interesse dessa força hegemônica, vista a importância “[...] de se dotar o espaço de uma funcionalidade e de operacionalidade através dos investimentos em

² Santos e Silveira (2011, p. 295), ao abordar a definição de poder de Taylor e Thrift (1982), em que “[...] o poder pode ser definido como a capacidade de uma organização para controlar os recursos que lhe são necessários, mas também são necessários a outras organizações”, evidenciam a noção de espaços corporativos, “[...] que inclui uma utilização privilegiada dos bens públicos e uma utilização hierárquica dos bens privados”. As grandes corporações passam a exigir dos setores públicos o estabelecimento dos sistemas de engenharia e infraestruturas necessárias ao bom desenvolvimento de suas atividades, fortalecendo o processo de produção dos espaços corporativos, que, em última análise, “[...] trata-se de uma racionalidade privada obtida com recursos públicos” (SANTOS e SILVEIRA, 2011, p. 306) e que não interessa a maior parcela da população.

transportes, comunicações e energia nos distintos lugares escolhidos pelo capital” (SILVA, 2003, p. 13), já que a expansão geográfica das unidades produtivas de uma empresa buscam as condições ótimas para criar oportunidades para o alargamento da acumulação do capital empreendida sobre amplo espaço.

INTERAÇÕES ESPACIAIS DAS CORPORAÇÕES POLICARD E VALECARD

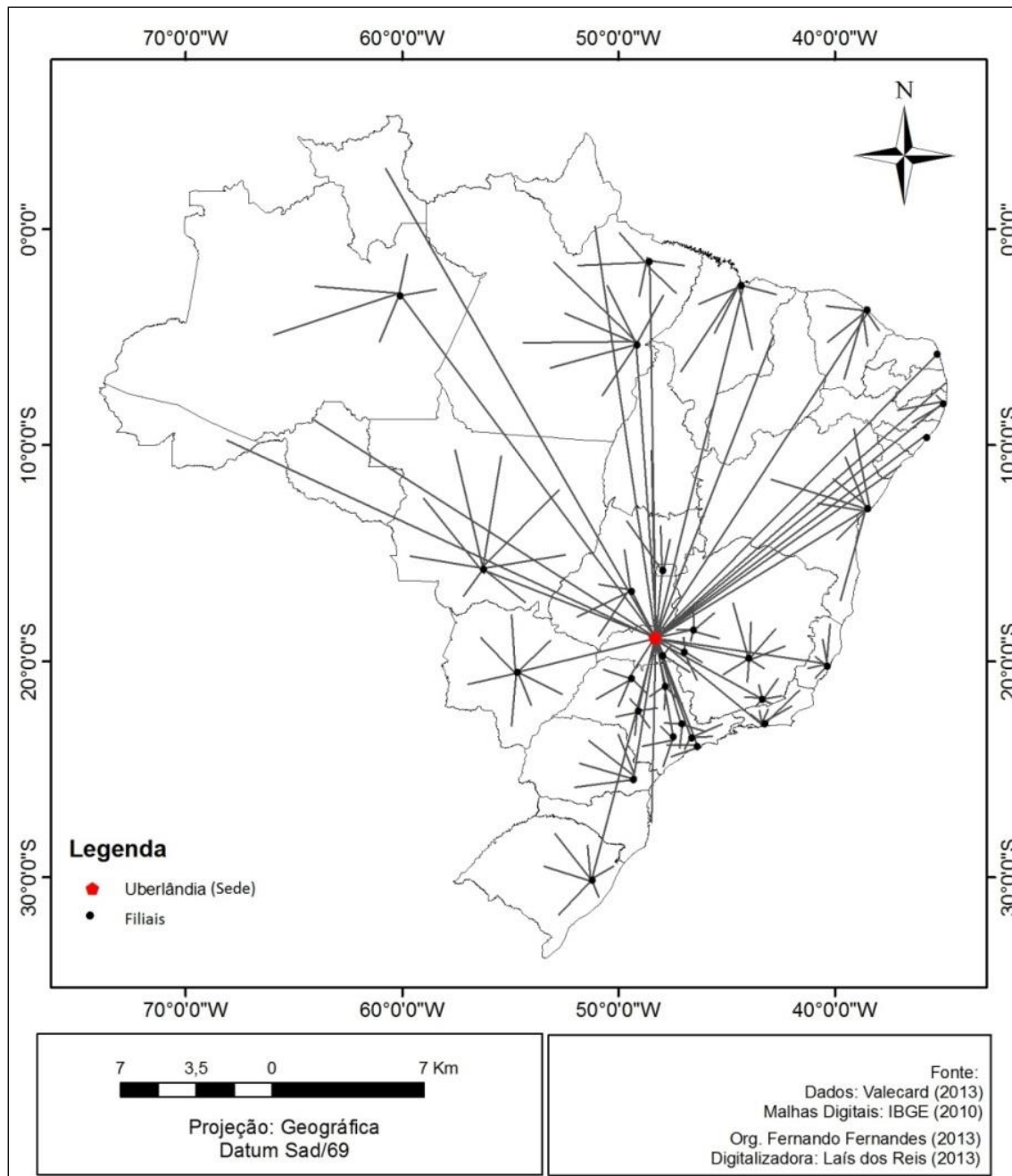
No processo de financeirização do território e da própria sociedade, atesta-se a adição de novas formas de consumo e de um amplo leque de serviços disponibilizados pelas corporações financeiras, que correspondem às práticas de diversificação do setor, sua busca pela ampliação das possibilidades de acumulação do capital e à massificação do consumo. Dentre a gama de possibilidades elencadas pelos meios eletrônicos de pagamento, ressaltam-se, aqui, os cartões de benefício, um mercado em franca expansão no país. Esse filão é caracterizado por empresas administradoras de meios eletrônicos de pagamento, que firmam convênios com empresas dos mais variados segmentos para a disponibilização de benefícios ao trabalhador que descaracterizam ganhos salariais, tributados e onerados pelas leis trabalhistas.

No segmento dos cartões benefício, distinguem-se duas corporações oriundas dos capitais locais sediados em Uberlândia, as operadoras de meios eletrônicos de pagamento Policard e Valecard. As referidas empresas administram um sistema de convênio, pelo qual os funcionários de uma determinada empresa conveniada, chamada de empresa cliente ou empresa parceira, têm acesso a bens e serviços de uma rede de estabelecimentos do comércio varejista e de prestadores de serviços credenciados a receber por meio de cartões eletrônicos, que operam a função de débito, com características de cartões de benefício. Considera-se ainda, no leque de serviços prestados pela Policard e pela Valecard, uma série de possibilidades destinadas à melhor gestão e organização dos gastos internos de empresas parceiras, com base na utilização dos cartões eletrônicos de pagamento emitidos pelas referidas corporações financeiras, conforme exposto por Oliveira (2013).

Para a expansão dos horizontes de atuação de Valecard e Policard e por meio de decisões tomadas em suas sedes administrativas localizadas em Uberlândia, verifica-se o imperativo da constituição de filiais espacialmente dispersas. Nesse estágio, as interações iniciais, conforme asseverado por Corrêa (2006, p. 286) acontecem por meio de “[...] fluxos de informações e recursos financeiros [...]”, possibilitados pelo uso das redes informacionais e direcionados ao fechamento de parcerias e contratos de serviços (MAPAS 1 e 2).

Logo, torna-se iminente, no contexto da reprodução de capitais ordenado pelas referidas corporações, o imperativo pela afirmação de múltiplas localizações e das articulações necessárias à natureza dos seus serviços financeiros, caracterizados pelos vínculos tecidos com as empresas parceiras, os fixos comerciais credenciados e os operadores dos seus cartões de pagamento, responsáveis pela consolidação do consumo que gera os fluxos financeiros e a demanda creditícia. As interações espaciais arquitetadas por corporações multilocalizadas efetuam-se por meio da configuração de uma série de medidas estratégicas e caminhos que representam o complexo ciclo de reprodução do capital em sua configuração espacial. Como aponta CORRÊA (2006, p. 286), “[...] as complexidades são

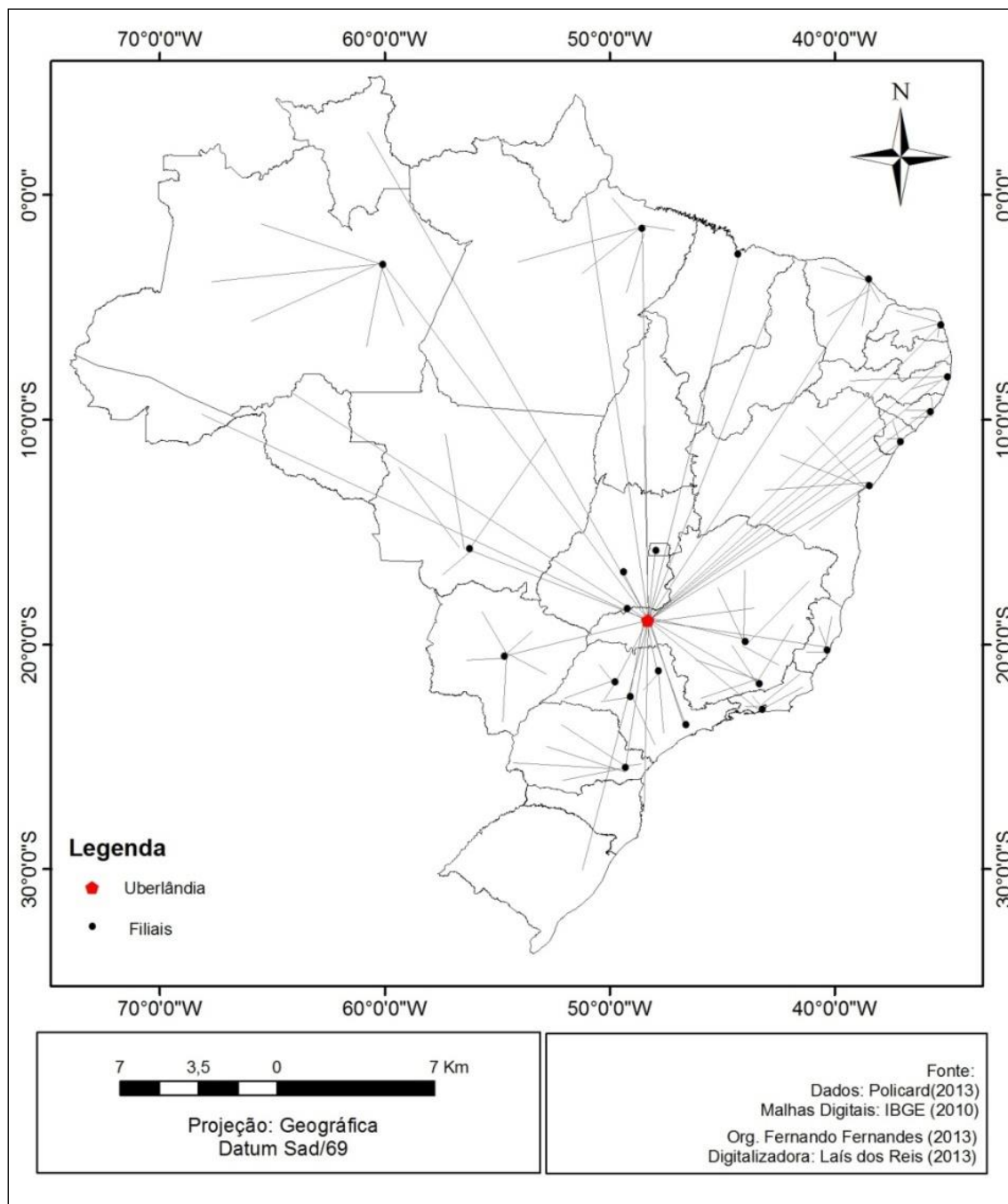
potencializadas com a constituição de poderosas corporações multifuncionais e multilocalizadas envolvendo ampla gama de produtos e serviços e inúmeras localizações”.



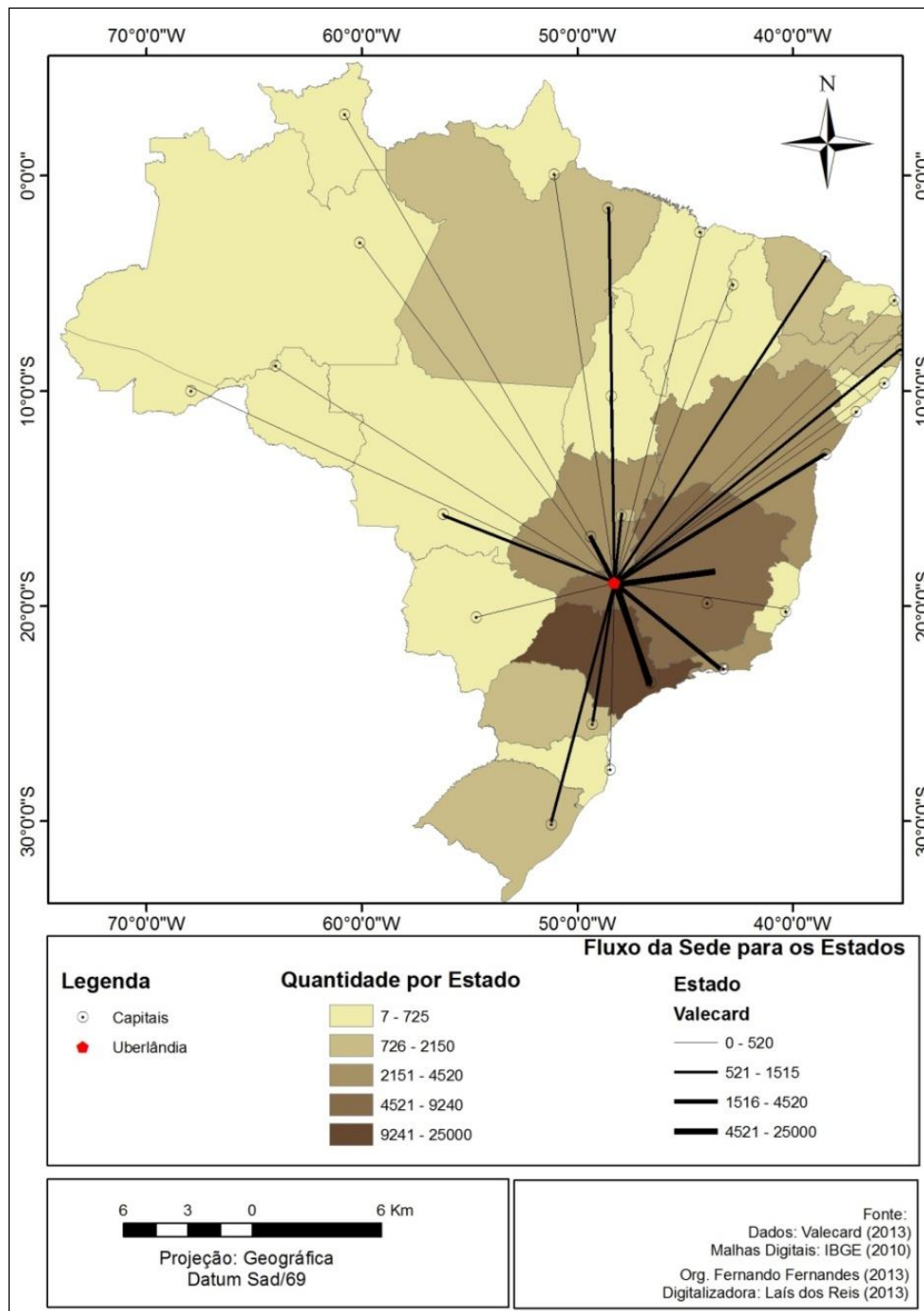
Mapa 1 - Valecard: interações espaciais realizadas entre a sede e as filiais (2013)

A concentração dos fluxos financeiros, gerados a partir do consumo realizado pelos usuários dos cartões nos fixos comerciais credenciados, é encaminhada, por meio das redes técnicas informacionais do atual período, para o centro de comando do território de Policard e Valecard, a cidade de Uberlândia. Amplia-se, significativamente, a rede de centros envolvidos (CORRÊA, 2006) ante a atividade de credenciamento de fixos comerciais, vista a ocorrência de credenciamento do comércio em cidades que não possuem filiais instaladas,

mas passam a participar efetivamente da trama espacial arquitetada pelas interações orquestradas pelas corporações em questão, por estarem associados à sua rede (MAPAS 3 e 4). Assim, tornam-se muito complexas as interações espaciais instituídas pela demanda particularista dessas corporações, que denotam a peculiar relação estabelecida em suas áreas de atuação, que, no contexto de suas verticalidades associadas ao centro da gestão das operações pelas interações espaciais, configuram “[...] arranjos organizacionais, criadores de uma coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes [...]” (SANTOS, 2012, p. 285).



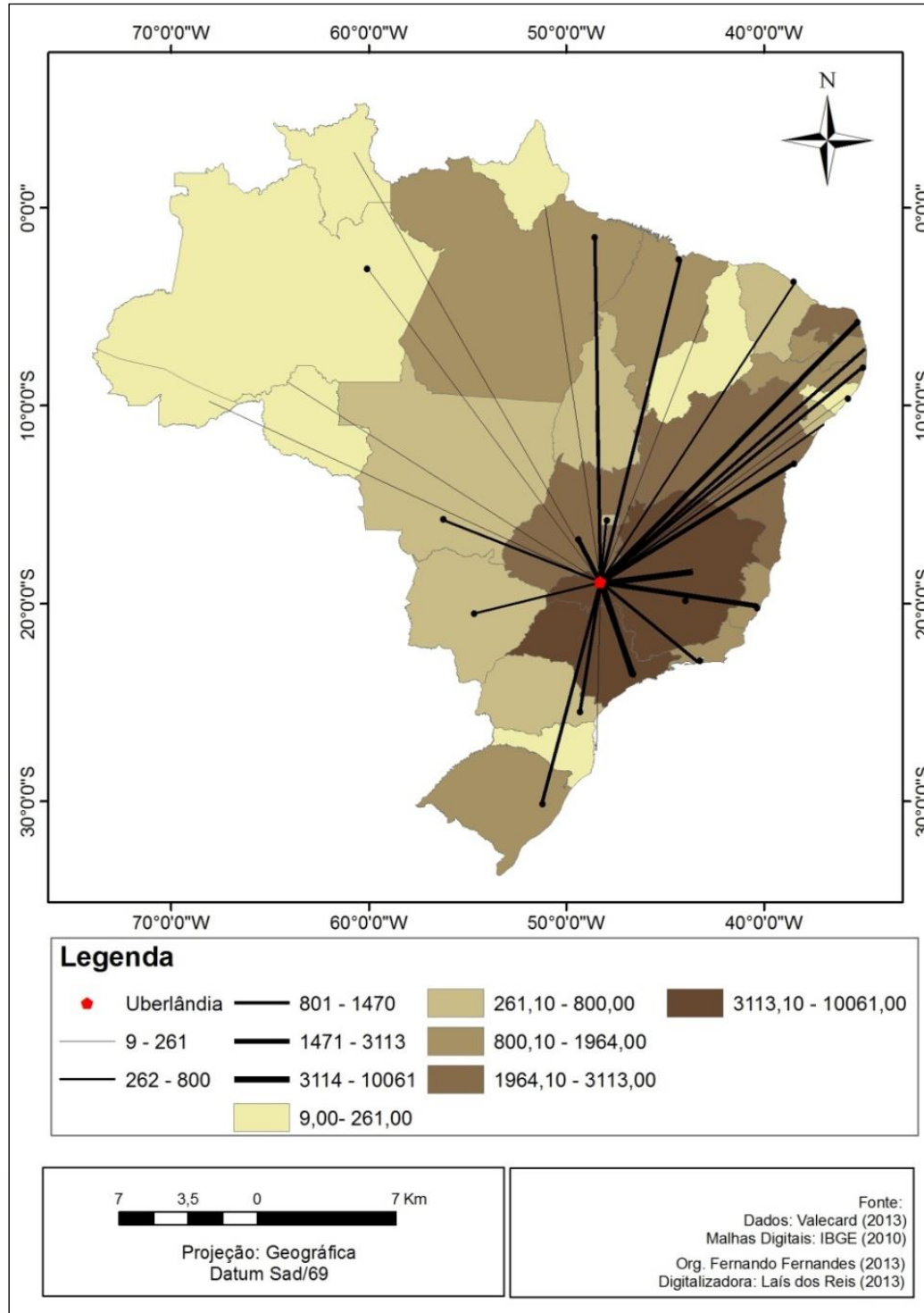
Mapa 2 - Policard: interações espaciais realizadas entre a sede e as filiais (2013)



Mapa 3 - Valecard: fluxos verticais ordenados de acordo com o total de estabelecimentos credenciado por estado (2013)

A circulação financeira realizada por Valecard e Policard, instituída por meio das relações que configuram a natureza dos seus serviços, se estabelece, assim como a reprodução dos seus capitais em sua faceta espacial. Surge a partir desse ponto a ocorrência de novas interações, como pontuado por Corrêa (2006), cujo cerne encontra-se em escala

intraurbana, o foco dos fluxos financeiros verificados a partir dos modernos aparatos creditícios da atualidade (CONTEL, 2007) e, conseqüentemente, do uso de cartões de pagamento.



Mapa 4 - Policard: fluxos verticais ordenados de acordo com o total de estabelecimentos credenciado por estado (2013)

O movimento dos trabalhadores, o fluxo de mercadorias, de serviços e de produtos aos fixos credenciados constituem interações espaciais estabelecidas em cada lugar e, mesmo que independentes da ação, as corporações Policard e Valecard, representam faceta importante na consolidação dos seus fluxos financeiros gerados. Certifica-se que quanto mais eficientes forem essas interações e os meios que possibilitam a sua realização, mais dinâmica será a atividade de acumulação das referidas corporações creditícias, sendo, assim, um importante diferencial à iminente hierarquização dos lugares a cargo de suas demandas. Arquiteta-se, portanto,

[...] uma rede de localidades centrais caracterizada por uma hierarquia de lugares, atacadistas e varejistas, por exemplo, que dispõem de áreas de mercado definidas pelos mecanismos de alcance espacial máximo e mínimo (CORRÊA, 2006, p. 290).

Nessa condição, emerge a importância da qualificação técnica e funcional verificada na cidade de Uberlândia, ponto fundamental para a constituição, nesse centro urbano, das condições ideais à consolidação dessas duas corporações financeiras que tiveram no relevante mercado uberlandense a base à constituição de suas horizontalidades. Ante o equipamento da mencionada cidade e de sua região, Bessa (2007, p. 167) pontua que “[...] a elite uberlandense, por intermédio de seus representantes políticos, orientou-se no sentido de garantir a base material para a expansão das atividades econômicas [...]”, tanto no que diz respeito às redes de transportes, importantes na consolidação do polo atacadista, às redes de energia, indispensáveis à constituição do setor industrial e às telecomunicações, com destaque a empresa Algar Telecom (CTBC), sediada na cidade. Esses fatores associados são determinantes para a configuração das interações espaciais das corporações aí sediadas.

As diversas soluções encontradas pela elite econômica do centro nodal, visando sua própria reprodução através da criação de atividades capazes de (re)inserir o mais eficientemente possível centro e hinterlândia na vida econômica, é outra razão que suscita padrões variáveis de interações (CORRÊA, 2006, p. 298).

Corrêa (2006, p. 292) assevera que “[...] com o consumo a mais-valia efetivamente se realiza”. O consumo efetuado a partir dos cartões eletrônicos de pagamento Policard e Valecard encerra o ciclo local do seu processo de reprodução de capitais e, por meio das redes técnicas, o fluxo financeiro gerado retorna à sede das corporações de forma instantânea para o devido processamento. Esse momento caracteriza o reinício do ciclo de reprodução dos capitais a partir da sede aos lugares distantes.

A mais-valia centrada na sede da corporação não apenas permite o reinício do ciclo como também o investimento e aplicação em outros setores, como o financeiro e o imobiliário, e no consumo pessoal daqueles que controlam o processo produtivo. Isso engendra novas localizações e novas interações espaciais (CORRÊA, 2006, p. 292).

Não obstante a configuração das interações espaciais das corporações Policard e Valecard, emerge sobremodo a importância das redes técnicas informacionais necessárias à sua realização, visto que “[...] as redes geográficas, em última análise, são as formas com que

as interações espaciais se verificam” (CORRÊA, 2006, p. 295). No caso das corporações Policard e Valecard, as redes técnicas desempenham papel imprescindível na realização do seu ciclo de reprodução de capitais que demandem a associação de múltiplos segmentos e agentes, sobretudo à circulação financeira requerida. Nota-se, portanto, a importância das telecomunicações à difusão espacial e operação das corporações do setor financeiro, um dos segmentos mais demandantes por velocidade e instantaneidade para a organização espacial de suas atividades.

Ressalta-se a importância das telecomunicações à circulação financeira promovida por Valecard e Policard no que se refere aos créditos depositados nos seus cartões eletrônicos, à captura das transações financeiras realizadas pelos aparelhos POS³ e aos fluxos financeiros registrados entre as mencionadas corporações e suas empresas parceiras. O resultado consiste na conformação de um complexo sistema pautado em várias interconexões entre os nós formadores dessa trama reticular. Trata-se, sobretudo, de corporações promotoras de fluxos financeiros que se organizam espacialmente em rede, constituindo empresas-rede que operam um complexo padrão espacial e reticular hierárquico, que apresenta tanto “[...] uma hierarquia entre os seus nós como complementaridade entre eles” (CORRÊA, 2006, p. 313).

O padrão reticular, oriundo das relações orquestradas pelas corporações Policard e Valecard, descreve uma rede de múltiplos circuitos, assinalada por inúmeras ligações verificadas nos espaços que configuram horizontalidades, verticalidades e um complexo leque de interações. O comando, hierarquizado e centralizado na cidade de Uberlândia denota o padrão da hierarquia entre as inúmeras localizações e para onde, por meio das redes técnicas, fluem instantaneamente os fluxos financeiros de característica imaterial. O perfil de complementaridade dessa complexa trama reticular emerge ante o fato de a cidade centro da gestão do território de atuação de Policard e Valecard não constituir mais o principal mercado à reprodução dos seus capitais.

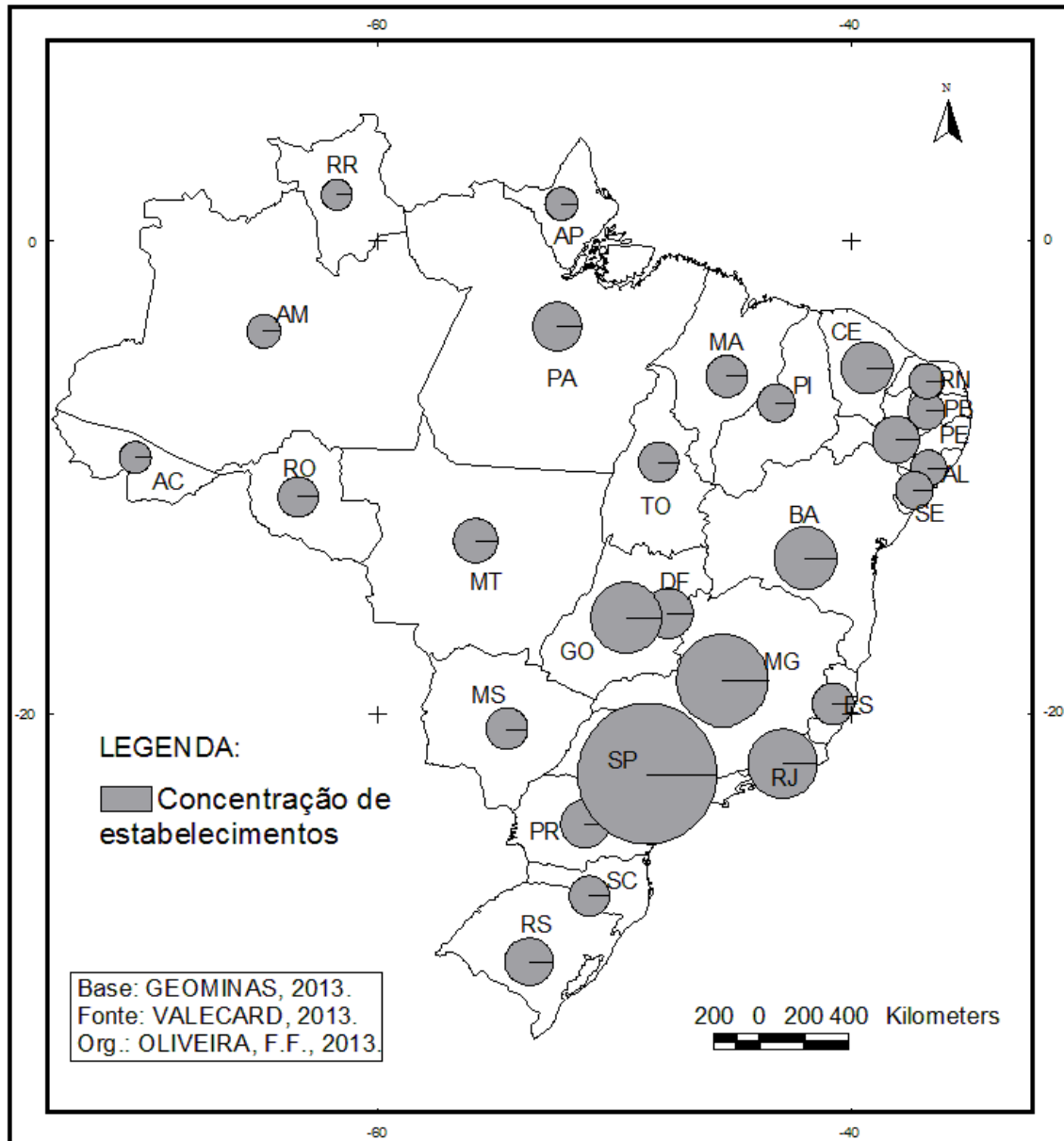
A complementaridade que caracteriza essa rede de múltiplos circuitos fica ainda mais evidente para a Valecard e os dados verificados em seu sítio, em que foi possível atestar o peso do mercado paulista à sua atividade de credenciamento⁴. Nessa ótica, o padrão reticular das referidas corporações e a complexa trama de suas interações espaciais mantêm-se pautado na centralização dos fluxos financeiros, das informações e do comando em Uberlândia, conquanto, para ambas, o mercado paulista apareça como o grande foco das associações construídas e da reprodução dos capitais investidos (MAPAS 5 e 6).

Mormente, conforme exposto por Oliveira (2013), é notório o quadro de concentração oligopolista dos atores que atuam no setor dos meios eletrônicos de pagamento e do agrupamento espacial do comando na região metropolitana de São Paulo, que concentra as sedes dos cinco maiores credenciadores que atuam no país: Cielo, Redecard, Hipercard, Santander/GetNet e Bankpar S/A. Para serviço de credenciamento e à sua gestão sob amplo

³ POS (*Point of Sale*) representa o fixo eletrônico capaz de promover a captura de dados que os estabelecimentos podem utilizar para efetivar as transações de cartão de crédito, débito e outras (BCB, 2013), as famosas “maquininhas” de cartões de pagamento.

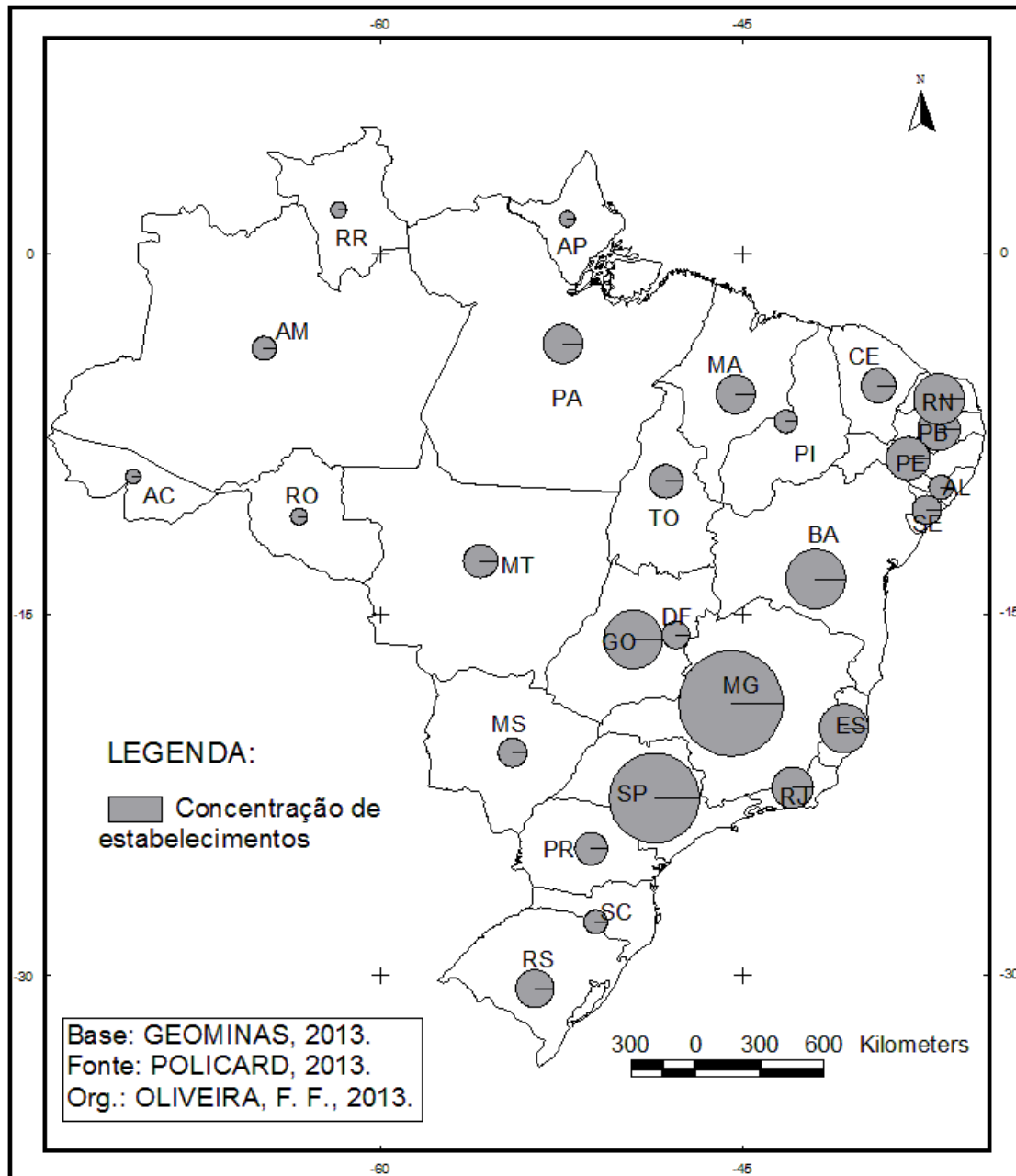
⁴ A atividade de credenciamento é realizada por uma empresa responsável por firmar e administrar os contratos com os estabelecimentos comerciais, para que estes estejam vinculados à rede de aceitação das bandeiras de cartões de pagamento. No Brasil, conforme exposto por Oliveira (2013), os credenciadores Cielo e Redecard concentram cerca de 90% da atividade de credenciamento de estabelecimentos comerciais. Conforme pesquisa direta realizada, as corporações Policard e Valecard, embora possam realizar seu próprio credenciamento, mantêm-se vinculadas à rede de credenciamentos de Cielo e Redecard.

território, a metrópole paulista emerge como o grande centro da tomada de decisões e o destino final dos fluxos financeiros operados pelos principais credenciadores do país.



Mapa 5 - Valecard: concentração da rede de estabelecimentos credenciados (2013)

No que tange às interações que não dependem diretamente da ação de Policard e Valecard, como o fluxo de pessoas e de mercadorias aos fixos comerciais credenciados, é viável constatar a complexidade das múltiplas interações envolvidas em que cada centro participa “[...] de várias redes geográficas distintas entre si no que se refere à natureza dos fluxos, intensidade, frequência, agentes sociais e outros atributos organizacionais, temporais e espaciais” (CORRÊA, 2006, p. 313).



Mapa 6 - Policard: concentração da rede de estabelecimentos credenciados (2013)

Embora as interações oriundas dessas múltiplas relações não estejam diretamente vinculadas à ação das corporações foco do presente estudo, quanto mais dinâmicas e facilitadas forem pelos fixos espaciais, mais predisposto será o mercado para a atuação de Policard e Valecard. A diferenciação entre a pujança de cada mercado de atuação, a centralização dos fluxos financeiros e do comando caracterizam um sistema reticular, que denota a organização de uma divisão territorial do trabalho para as atividades de reprodução de capitais das corporações mencionadas. Ante as múltiplas associações impetradas pelas corporações em tela, é possível atestar a instituição de uma divisão territorial do trabalho corroborada pelas demandas de Policard e Valecard, por meio de uma trama reticular que

ratifica, ainda, um leque de cooperações com amplo reflexo espacial baseado na natureza das relações e dos vínculos ordenados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto buscou evidenciar a dimensão espacial de duas operadoras de cartões eletrônicos de pagamento - Policard e Valecard, cujos capitais são uberlandenses. Demonstrou-se, portanto, as suas localizações (nós da rede) e as interações resultantes ao iminente processo de difusão espacial das atividades de reprodução e acumulação de capitais das mencionadas corporações. Para tanto, registra-se a importância, ao setor das finanças e sua plena consolidação, o desenvolvimento de um meio técnico-científico-informacional, cujas técnicas reticulares foram amplamente assimiladas pelas corporações financeiras, atores sequiosos por instantaneidade e simultaneidade. As técnicas informacionais fizeram expandir o mercado de cartões eletrônicos de pagamento, a ponto desse mecanismo se tornar banalizado e extremamente presente no cotidiano das populações.

Pontua-se, ainda, acerca da forte tendência oligopolista das finanças nacionais, a partir da concentração do mercado sob uns poucos atores hegemônicos nacionais e multinacionais, que acabam por ditar as tendências gerais desse segmento. A concentração do comando das atividades acerca dos cartões eletrônicos de pagamento é notória, atestando a condição da metrópole paulista como o grande centro de gestão territorial das atividades financeiras no país. Ante o quadro de concentração dos atores e do comando espacial das atividades financeiras, destaca-se, no segmento dos cartões eletrônicos de pagamento, a atuação das corporações multilocalizadas Policard e Valecard, que, por meio da operação de convênios com empresas parceiras, disponibilizam cartões eletrônicos no formato de benefícios aos funcionários ou à organização interna dos gastos das empresas conveniadas.

Mormente, a consolidação da cidade de Uberlândia como um polo empresarial, no que tange à instalação de indústrias e à diversificação do seu setor terciário e suas empresas, é elemento chave à firmação das horizontalidades das corporações Policard e Valecard. O diversificado mercado uberlandense representou ainda a base à configuração de suas verticalidades, que passaram a ocorrer por meio das interações espaciais, vista a natureza da prestação de seus serviços de intermediação financeira e os vínculos estabelecidos com um amplo leque de agentes econômicos.

Buscou-se, portanto, evidenciar como as mencionadas administradoras de cartões de eletrônicos de pagamento organizam-se por meio de múltiplas localizações que resultam em proeminentes interações espaciais. Todavia, admite-se que a natureza da organização espacial e das múltiplas associações orquestradas pelas mencionadas administradoras de cartões é muito mais complexa em relação ao apresentado no presente texto.

REFERÊNCIAS

BESSA, Kelly C. F. O. **A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia.** Uberlândia: [s.n.], 2007. 348p.

CONTEL, Fabio B. **Território e finanças**: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. 2006. 323f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORRÊA, Roberto L. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.54, n.3, p.115-121, jul./set.1992.

_____. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318.

OLIVEIRA, Fernando F. de. **Dinâmica espacial da intermediação financeira**: a difusão reticular das corporações Policard e Valecard. 2013. 203f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 15 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 475 p.

SILVA, Carlos A. F. da. **Grupo André Maggi**: corporação e rede em áreas de fronteira. Cuiabá: Entrelinhas, 2003. 222p.

Recebido em: 20/01/2015

Aprovado para publicação em: 22/04/2015